

# Contribuições do grupo de estudos GeoLibras para a formação docente inclusiva

## Contributions of the “GeoLibras” study group to inclusive teacher training

José Magno Melo da Silva<sup>1</sup>, Emanuel da Costa Pereira<sup>2</sup>

1 <https://orcid.org/0009-0009-7923-6887>, Universidade Federal do Ceará, magnoxp@alu.ufc.br, 2 <https://orcid.org/0009-0007-6761-1868>, Universidade Federal do Ceará

## RESUMO

Criado para promover o diálogo interdisciplinar entre Geografia, Libras e Cultura Surda, este estudo discorre sobre a experiência do Grupo de Estudos sobre Surdez e Geolinguística (GeoLibras), composto por estudantes de Geografia da Universidade Federal do Ceará. O objetivo desta pesquisa é investigar como o grupo atua como complemento formativo, ampliando o repertório de futuros docentes para a inclusão de surdos. A pesquisa, de natureza qualitativa e caráter participativo, utiliza estudo de caso, entrevistas semiestruturadas e revisão bibliográfica. Durante o primeiro semestre de 2025, os encontros envolveram debates, planejamento de trilhas urbanas acessíveis e aproximação com a comunidade surda. Os resultados revelam que o Geolibras supre lacunas curriculares e desenvolve uma pedagogia crítica, posicionando a Libras como mediadora da compreensão geográfica e fortalecendo os vínculos entre universidade e comunidade.

**Palavras-chave.** Geografia; Libras; Grupo de Estudos; Formação docente; Inclusão.

## ABSTRACT

Created to promote interdisciplinary dialogue between Geography, Libras (Brazilian Sign Language), and Deaf Culture, this study discusses the experience of the Study Group on Deafness and Geolinguistics (GeoLibras), composed of Geography students from the Federal University of Ceará. The objective of this research is to investigate how the group acts as a complementary training experience, expanding the repertoire of future teachers for Deaf inclusion. The qualitative and participatory research utilizes a case study, semi-structured interviews, and a literature review. During the first semester of 2025, the meetings involved debates, the planning of accessible urban trails, and engagement with the Deaf community. The results reveal that Geolibras addresses curricular gaps and develops a critical pedagogy, positioning Libras as a mediator for geographical understanding and strengthening the bonds between the university and the community.

**Keywords.** GeoLibras. Inclusion. Teacher Training. Study Group. Geolinguistics.

## 1. INTRODUÇÃO

O cenário social contemporâneo revela a necessidade de reconhecer diferentes perspectivas e contextos socioculturais, principalmente no ramo da educação. Essa demanda, impulsionada pela luta por reconhecimento e direitos de grupos historicamente marginalizados, convoca a uma quebra de estereótipos. Tal condição reflete diretamente na formação docente, exigindo não apenas o domínio de conteúdos, mas a incorporação de práticas pedagógicas que sejam, de fato,

inclusivas e sensíveis à diversidade. Nesse sentido, uma educação que se pretende emancipatória, como defende Paulo Freire (1987), precisa estar fundamentada no diálogo e no respeito às múltiplas realidades presentes na sala de aula.

Portanto, para acompanhar as novas demandas sociais, é preciso articular uma formação que prepare os futuros docentes para realidades inclusivas. Isso implica ir além do que é curricularmente prescrito, promovendo competências para valorizar as experiências de sujeitos com diferentes modos de ser e de se expressar, como é o caso da comunidade surda, cuja identidade é construída a partir de uma experiência cultural e linguística própria (BRANDO; ALMEIDA, 2019). É neste contexto que o presente trabalho se insere, ao analisar a execução de um grupo de estudos que buscou entrelaçar questões sobre a surdez, a língua de sinais e a Geografia Cultural para aprimorar a formação dos licenciandos.

O Grupo de Estudos sobre Surdez e Geolingüística, conhecido como GeoLibras, é uma iniciativa de estudantes da graduação e pós-graduação do curso de Geografia, na Universidade Federal do Ceará, e iniciou as suas atividades no primeiro semestre de 2025, recorte temporal o qual foi realizada esta pesquisa. O grupo foi formado por membros, bolsistas e visitantes do Laboratório de Estudos Geoeducacionais e Espaços Simbólicos - LEGES, com o intuito de levantar debates e reflexões sobre a surdez, praticar a Língua Brasileira de Sinais (Libras), incluindo a aplicação no contexto do ensino de Geografia e promover a interação entre ouvintes e surdos no ambiente universitário.

A temática deste estudo está delimitada na interseção entre a Geografia, a Libras e a formação de professores, e possui a seguinte pergunta norteadora: De que forma a participação em um grupo de estudos sobre surdez e geolingüística, no contexto da graduação em Licenciatura em Geografia, pode contribuir para o desenvolvimento de um perfil docente mais preparado para a inclusão e comprometimento com o público surdo?

A partir disso, o objetivo geral do artigo é: Investigar como o GeoLibras se configura como um complemento formativo para a docência em Geografia, ampliando o repertório teórico e prático dos futuros professores. Para tanto, foram delineados os seguintes objetivos específicos: Analisar as dinâmicas de troca de saberes e os debates teóricos que nortearam as atividades do grupo, compreendendo sua estrutura e funcionamento; identificar, a partir da percepção

dos licenciandos, registrada através de entrevistas, as principais lacunas na formação docente institucionalizada no que tange à inclusão de alunos surdos; e refletir como as práticas concretas desenvolvidas no GeoLibras contribuem para a construção de um repertório pedagógico mais crítico, sensível e inclusivo.

A relevância deste estudo se justifica pela necessidade de entender os desafios da formação inclusiva de professores, que frequentemente se mostra insuficiente para lidar com a complexidade da inclusão de surdos (PEREIRA; LACERDA, 2020). Ao verificar como um grupo de estudos pode atuar como um "espaço essencial que permite ao futuro docente transcender o conteúdo curricular" (CAVALCANTE; MAIA, 2019), este trabalho contribui para a reflexão de novas estratégias formativas, evidenciando o protagonismo discente na busca por uma capacitação voluntária e colaborativa.

Para alcançar os objetivos propostos, este artigo está estruturado em quatro seções, além desta introdução. A segunda seção detalha a metodologia, de abordagem qualitativa e do tipo estudo de caso. A terceira seção apresenta os resultados e as discussões, analisando a gênese do grupo, o protagonismo discente e as percepções dos participantes. Por fim, na quarta seção, estão as considerações finais, que retomam o problema de pesquisa e sintetizam as contribuições do estudo.

## 2. MÉTODO

Esta pesquisa é fundamentada nos princípios da Geografia Humana Crítica, especialmente no que tange Geografia Cultural e os Estudos Surdos, já que também serviram de aporte metodológico e bibliográfico do GeoLibras. Há, portanto, uma abordagem qualitativa, que se mostra a mais adequada para compreender em profundidade as percepções, os significados e as experiências dos sujeitos envolvidos. Tal abordagem permite uma imersão no universo investigado ao valorizar narrativas e os processos subjetivos que constituem a realidade social.

Foi adotada a metodologia típica dos estudos de caso, centrando a análise participativa. Essa escolha metodológica permitiu investigar de forma aprofundada e contextualizada um fenômeno específico (a contribuição do grupo como complemento formativo) em seu ambiente real. Há também o caráter exploratório,

ao investigar a interface entre Geografia, Libras e a formação docente, e descriptivo, ao detalhar as dinâmicas e os debates que emergiram no decorrer dos encontros.

A relevância de se analisar um grupo de estudos como um espaço formativo é destacada na contribuição de Cavalcante e Maia (2019), que consideram o grupo de estudos um espaço essencial que permite ao futuro docente transcender o conteúdo curricular ao promover a articulação entre teoria e prática por meio do debate coletivo e da pesquisa colaborativa. A escolha de um grupo de estudos como objeto de pesquisa não é apenas uma decisão metodológica, mas também epistemológica, pois, no caso de um grupo de estudos voltado para a capacitação docente, torna-se o lócus ideal para observar a construção de uma prática pedagógica crítica em tempo real.

Os sujeitos da pesquisa foram quatro estudantes com participação ativa no GeoLibras, sendo dois da Licenciatura e duas do Bacharelado em Geografia. Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, cujo roteiro se organizou em três eixos centrais: 1) Trajetória formativa e contato prévio com a temática da inclusão; 2) Motivações e percepções sobre a experiência no GeoLibras; e 3) Impacto do grupo na visão sobre a prática profissional e a docência inclusiva. Essa estrutura ofereceu flexibilidade para que os participantes pudessem expor suas vivências de forma aprofundada.

Em conformidade com os preceitos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos, todos os procedimentos foram devidamente esclarecidos aos participantes. Cada um assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que detalhava os objetivos do estudo e garantia o direito de sigilo e a possibilidade de desistência a qualquer momento. Para preservar o anonimato, os nomes dos entrevistados foram substituídos por pseudônimos ao longo deste artigo.

Além das entrevistas, recorreu-se à análise documental dos materiais produzidos e discutidos no grupo, como textos de referência e registros fotográficos das atividades. Para tanto, foi adotada a observação participante, uma vez que os pesquisadores estiveram presentes na execução e planejamento das atividades do GeoLibras, o que permitiu uma compreensão direta das interações, diálogos e processos de aprendizagem coletiva.

Por fim, utilizou-se a análise de discurso para examinar como os estudantes construíram sentidos sobre os tópicos da surdez, da cultura surda e da Libras, e como esses discursos refletiam em suas concepções sobre a prática pedagógica em Geografia. Essas construções simbólicas foram elaboradas ao longo das atividades do GeoLibras e, para esta pesquisa, foi escolhida a dinâmica de planejamento de trilhas urbanas acessíveis para surdos em Fortaleza, realizada após as discussões teóricas iniciais.

A aplicação dos procedimentos metodológicos aqui descritos permitiu a coleta e a análise dos dados que fundamentam a discussão a seguir, na qual são apresentadas as reflexões sobre a gênese do grupo e o impacto da experiência formativa na percepção dos participantes.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A análise da execução do GeoLibras revelou o seu papel fundamental como um espaço de complemento à formação docente em Geografia, atraindo a atenção de estudantes veteranos e novatos, incluindo graduandos surdos de outros cursos. Para garantir a confidencialidade e respeitar os preceitos éticos firmados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), todos os nomes dos participantes citados nesta seção são pseudônimos. O grupo representou uma resposta direta às lacunas curriculares identificadas na formação inicial, oferecendo um aprofundamento sobre questões da realidade surda que a matriz da graduação não aborda de forma aprofundada.

Portanto, é importante colocar em pauta a conjuntura curricular oferecida pelo curso de licenciatura em Geografia e a devida capacitação para o atendimento de pessoas surdas no contexto escolar. Esse ponto precisa ser debatido pois, conforme Brandão e Almeida (2019), é crucial que se repense como os formatos de acesso cultural e educacional são dinamizados e democratizados, de modo que os sujeitos surdos sejam percebidos no contexto da diferença e não pelo conceito da deficiência. Para tanto, a Libras se torna não apenas uma língua formal, mas a propulsora na construção da identidade cultural e da mediação entre o surdo e a realidade ouvinte-centrada.

As discussões descritas a seguir centralizam a experiência dos licenciandos e as atividades propostas pelo grupo de estudos em fomentar novas maneiras de

articular a Geografia Cultural e os Estudos Surdos. Alguns integrantes, já familiarizados com a Língua Brasileira de Sinais por terem cursado a disciplina de Introdução à Libras, oferecida obrigatoriamente para cursos de Licenciatura na graduação, contribuíram não apenas com as suas experiências com a língua, mas com reflexões críticas sobre a formação docente especializada.

O GeoLibras surge, portanto, como uma reação à ausência de oportunidades formativas e extracurriculares direcionadas para o ensino de Geografia para surdos. Entre os principais desafios que surgiram ao longo dos encontros, pode-se citar: o primeiro contato com bibliografias que abordam a educação de surdos, o que levou o estranhamento de alguns participantes durante alguns debates; a burocratização por parte da instituição de ensino em oferecer intérpretes para o atendimento dos visitantes surdos, levando a coordenação do grupo a recorrer à profissionais externos; e o constante esvaziamento do grupo ao longo do semestre, por conta das demandas acadêmicas.

### **3.1 A gênese do GeoLibras: Reflexões e dinâmicas iniciais**

O grupo surgiu da iniciativa do estudante de pós-graduação Emanuel da Costa Pereira, cuja pesquisa discorre sobre as Geografias Surdas nos espaços de celebração em Fortaleza. Atuando como mediador, os encontros foram planejados para serem realizados de forma presencial e quinzenal, às terças-feiras, de 12h30 às 14h, convidando estudantes da graduação. A presença de participantes surdos reforçou a participação coletiva e a troca de saberes durante os debates.

Os encontros eram divididos em duas partes: a teórica, com o auxílio de bibliografias sugeridas pelo mediador, e que norteavam o debate inicial; e a prática, que consistia em dinâmicas de grupo e a prática da Libras. A Tabela 1 apresenta o cronograma inicial dos debates feitos no grupo no primeiro semestre de 2025.

Tabela 1: Cronograma inicial dos encontros do GeoLibras e seus tópicos de discussão.

<b>ENCONTRO</b>	<b>DISCUSSÃO CENTRAL</b>
<b>15/04/2025</b>	Dia Nacional da Libras: Histórico da luta pela inclusão social e

### linguística

<b>06/05/2025</b>	Territórios visuais e a percepção sensorial no espaço urbano
<b>20/05/2025</b>	Cultura surda: Identidade e produção de subjetividades através da Língua de Sinais
<b>03/06/2025</b>	Sociolinguística e Regionalismos na Libras
<b>17/06/2025</b>	A Língua de Sinais aplicada no Ensino de Geografia
<b>01/07/2025</b>	Surdos de Diásporas
<b>15/07/2025</b>	Acessibilidade e Inclusão em Fortaleza
<b>29/07/2025</b>	Experiências sobre cartografia colaborativa com a comunidade surda escolar em Fortaleza

Fonte: Elaborado pelos autores.

O planejamento dos encontros, suas temáticas e debates a serem feitos, foi feito no início do mês de abril e adaptado segundo as potencialidades levantadas pelos participantes. Durante alguns encontros, foram convidados líderes e representantes do movimento surdo em Fortaleza com o intuito de estreitar relações entre a comunidade surda e a universidade.

No primeiro encontro, houve consenso entre os licenciandos sobre as lacunas da matriz curricular oferecidas pela universidade, o que incentivou o grupo aprofundar as relações entre surdez e cultura e as diferentes abordagens da Geografia aplicadas à comunidade surda e ao ensino, especialmente em Fortaleza. Além dos licenciandos, o grupo contou com a presença de estudantes do bacharelado em Geografia, estes que não possuem a obrigatoriedade de cursar a disciplina de Libras oferecida na graduação. O fato da disciplina ser oferecida como optativa, com vagas que não atendem à demanda, evidencia uma falha institucional, com inadequação curricular em responder às necessidades de uma formação profissional e cidadã completa.

Ainda assim, manifestaram interesse em aprender sobre a dinâmica que envolve a língua de sinais e compreender as especificidades culturais da comunidade surda. A participação ativa desses integrantes nas discussões e atividades do GeoLibras demonstrou que o debate sobre inclusão e diversidade linguística não se limita à docência e se insere como pauta relevante para a pesquisa em Geografia.

A ausência de uma formação dedicada em Libras é uma lacuna pedagógica, como também é um deficit na formação profissional, que pode levar à exclusão de uma parcela da população dos processos de planejamento sobre o território de Fortaleza. Nesse cenário, o GeoLibras, ao provocar a atenção de discentes além da licenciatura, atua não só como um espaço de aprendizado de uma nova língua, mas como uma forma de compensar uma deficiência do currículo ao incentivar a capacitação profissional completa e socialmente consciente.

Observar essa dinâmica remete à perspectiva de Milton Santos (2000), que combate as formas de alienação da sociedade, propondo novas visões do mundo. Como ressalta o autor, mesmo tendo condições de propor “originalidade nas soluções, não queremos”, sugerindo que o verdadeiro papel intelectual é acreditar e apostar na força das ideias.

### **3.2 Protagonismo discente na formação complementar crítica e inclusiva de professores**

O GeoLibras se enquadra como um espaço de reflexão sobre a didática crítica através da troca de experiências entre os participantes, a colaboração na criação de estratégias visuais e o planejamento coletivo das atividades. Algumas das práticas, como o planejamento de uma aula de Geografia em Libras, foram feitas com o foco na aprendizagem do aluno surdo e com o auxílio de algumas bibliografias recomendadas, como Perlin (2001), Quadros (2019) e Dias (2021).

As discussões giraram em torno de temas sobre a surdez enquanto experiência cultural e linguística, a relação entre cultura e ensino de Geografia e a inserção da comunidade surda nas reflexões sobre o espaço urbano. A partir destes pontos, a dinâmica contínua entre encontros buscou aprofundar as relações entre as imagens, com forte referência à Semiótica (Peirce, 1999), e percepção ambiental. Vale lembrar que, não apenas pensada pelo coordenador do grupo, mas especialmente pela troca de experiências entre os formandos e a colaboração na criação de estratégias visuais, foi realizado um planejamento coletivo das atividades, com base nas demandas formuladas durante os encontros.

A seguir, serão descritas as principais dinâmicas ocorridas no GeoLibras, realizadas coletivamente e planejadas com o intuito de atingir o objetivo: Introduzir os licenciandos à realidade da comunidade surda de Fortaleza,

colocando-os em situações que exigem maior flexibilidade no momento do planejamento e execução de uma aula de Geografia. Para atingir tal objetivo, as atividades práticas feitas em diferentes encontros foram:

- No primeiro encontro, os participantes foram instruídos para analisar a paisagem nas localidades que habitavam e pontuar elementos visuais marcantes;
- Posteriormente, os participantes apresentavam os sinais em Libras de seus bairros ou cidades, conforme orientação do mediador, e buscar por explicações que podem explicar a associação entre o sinal e o local (relações imagéticas e topográficas);
- Em seguida, o mediador do grupo apresentou alguns pontos turísticos e de forte relevância cultural em Fortaleza, e seus respectivos sinais em Libras;
- Por fim, os participantes foram divididos em equipes de até três pessoas para planejarem uma trilha urbana em Fortaleza que ostentasse elementos visuais marcantes e simbólicos para a comunidade surda.

A Figura 1 apresenta alguns registros da dinâmica que permitiu o primeiro contato entre os participantes e a Libras a partir da apresentação dos sinais de seus bairros e dos pontos turísticos de Fortaleza. É importante ressaltar que todos os registros fotográficos foram realizados com o consentimento prévio e posterior dos participantes.

Figura 1 – Dinâmicas de interação espaço-sinal durante os encontros do GeoLibras.



Fonte: Registrado pelos autores.

Ao apresentar o sinal de seu bairro, o participante realiza um ato de cartografia afetiva, legitimando sua geografia particular e reforçando a conexão entre identidade surda, língua e pertencimento espacial. Neto e Bueno (2018) explicam que, no contexto do aluno surdo, é importante que haja o desenvolvimento a partir da percepção visual espacial, o que pode ser intensificado pela linguagem cartográfica para representação do espaço geográfico. Nessa dinâmica, os elementos marcantes da paisagem, como prédios, estátuas, formas, cores ou a própria natureza, servem de instrumentos para a leitura espacial centrada nas imagens. Vale lembrar que os sinais toponímicos são escolhidos coletivamente pela comunidade surda local, o que coloca a Libras como um elemento fundamental para a representação e a apropriação do espaço urbano.

Já o planejamento das trilhas urbanas, prática comum na rotina da graduação e em disciplinas pedagógicas, mas com foco em territórios de memória e identidade cultural para o público surdo, mobilizou a conexão entre o conhecimento geográfico à realidade de uma comunidade. Esse exercício prático mobilizou os participantes para que o espaço vivido fosse o ponto central do

planejamento da trilha, já que, conforme Neto e Bueno (2018), tal perspectiva interage com o perfil visual-espacial da Libras, contribuindo com o raciocínio geográfico.

A Figura 2 mostra a execução da atividade de planejamento das trilhas em suas etapas iniciais, já que a sua finalização precisará de maior aporte teórico e, conforme sugestão do mediador, precisa ser finalizada com professores e alunos surdos, o que não foi possível ocorrer durante o recorte temporal dessa pesquisa.

Figura 2 – Etapas iniciais da elaboração do roteiro da trilha urbana inclusiva.



Fonte: Registrado pelos autores.

O planejamento de trilhas urbanas e o estudo dos sinais ultrapassam a dimensão estritamente linguística, adentrando o terreno das disputas simbólicas pela representação do espaço. Nomear e descrever um lugar não é um ato neutro, mas um exercício de poder, pois define o que será lembrado, como será interpretado e por quem será reconhecido. Tal prática se aproxima do que Pierre Bourdieu (1997) conceitua como poder simbólico: a capacidade de moldar a realidade social por meio da linguagem, de “fazer ver e fazer crer”. Quando a

comunidade surda cria sinais e os difunde coletivamente, não se trata apenas da tradução do espaço, mas percepções particulares de percebê-lo e vivenciá-lo.

Os depoimentos com os participantes evidenciaram o impacto da proposta, que se revelou um poderoso instrumento de escuta e partilha. Ao planejarem um percurso que valorizasse a experiência visual e a comunicação em Libras, os licenciandos trouxeram à tona as memórias e sentimentos sobre diferentes espaços da cidade. Essa reflexão sobre pertencimento e exclusão em ambientes públicos serviu como um ponto de partida para debates sobre outros contextos de suas vidas, incluindo os de pessoas com necessidades especiais.

Após isso, foi possível discutir sobre a realidade do estudante surdo na sala de aula regular, muitas vezes marcada por um profundo isolamento. Mesmo com a presença de um intérprete, a barreira comunicacional persiste se o professor não está preparado para criar uma ponte pedagógica. Essa condição é precisamente descrita por Lodi (2013), que discorre sobre a solidão do aluno surdo, mesmo quando cercado por colegas:

O aluno surdo é usuário de uma língua que nenhum companheiro ou professor efetivamente conhece. Ele é um estrangeiro que tem acesso aos conhecimentos de um modo diverso dos demais e se mantém isolado do grupo (ainda que existam contatos e um relacionamento amigável). A questão da língua é fundamental, pois, sem ela, as relações mais aprofundadas são impossíveis, não se pode falar de sentimentos, de emoções, de dúvidas, de pontos de vista diversos (Lodi, 2013, p. 115).

Diante deste cenário, fica evidente o papel crucial da universidade na ampliação de mais espaços formativos inclusivos de professores, pois não se pode delegar a uma única disciplina a complexa tarefa de preparar um futuro docente para romper com a lógica do "aluno estrangeiro". Iniciativas como o GeoLibras surgem como modelos de preparação pedagógica colaborativa que demonstram a necessidade de um compromisso institucional contínuo com a formação docente.

É comum o cenário adverso do professor recém-formado que, ao entrar na sala de aula, se depara com um aluno com necessidade especiais e percebe a dimensão real de seu despreparo. A formação superficial limitada a uma única disciplina revela-se como uma licença para a improvisação pedagógica, mas não como uma habilitação para a inclusão efetiva. Nesse contexto, o professor, por insegurança ou falta de ferramentas, abdica de sua responsabilidade pedagógica, colocando-a sobre o intérprete e colocando o aluno surdo não como parte integrante da turma, mas como um anexo que requer uma mediação terceirizada.

Essa postura não apenas exclui, mas representa uma falha estrutural do próprio processo formativo, que certifica um profissional para atuar em um contexto para o qual não foi preparado.

As entrevistas com licenciandos evidenciam como o grupo de estudos impactou as suas percepções sobre a docência inclusiva, como no relato de Carlinhos Ângelo (nome fictício), que afirmou que não tinha, até então, nenhuma experiência acerca da comunidade surda, cujo contato inicial se deu ao longo dos encontros do GeoLibras. Foi a partir da vivência inicial que o discente do 3º semestre reconheceu a importância da pedagogia crítica e da formação inclusiva. Ele destaca que

*"tinha questionamentos sobre a inclusão, não somente com a comunidade surda mas com quaisquer outras pessoas PCD, em como elas entendem os espaços, territórios e lugares. Será que existe uma topofilia, uma vez que o mundo não é 'adaptado' a eles?".*

Essa reflexão se conecta diretamente ao papel do professor de Geografia como um mediador cultural, que deve contextualizar os alunos diante de suas realidades socioculturais. Além disso, Carlinhos Ângelo reforçou a dimensão simbólica da Libras ao mencionar que tal mudança de perspectiva veio em sua mente ao longo dos debates sobre os sinais topográficos, estes que visivelmente aderem um sentimento de pertencimento e identidade a partir dos sinais. Ou seja, houve ainda uma provocação para uma releitura crítica das relações entre identidade, linguagem e lugar.

Essa abordagem dialoga diretamente com as discussões acadêmicas sobre as "Geografias Surdas". Conforme apontam Dias et al. (2021), o campo da Geografia Cultural abre um vasto leque de possibilidades para pesquisar a experiência espacial da comunidade surda, incluindo investigações sobre "a maneira pela qual um espaço físico (construções, edifícios e outros fatores ambientais) impactam em pessoas surdas; e a natureza espacial da língua de sinais". É fundamental considerar que a cultura surda abrange não apenas a língua, mas também as ideias, crenças, costumes e hábitos do povo surdo, sendo, portanto, expressão de uma experiência espacial singular que deve ser respeitada e valorizada (Dias et al, 2021).

Visto isso, a inclusão de estudantes surdos está além do desafio técnico e se apresenta como uma oportunidade para uma ruptura epistemológica na sala de

aula. Contudo, quando o professor não possui a formação necessária, ele tende a se manter preso a uma lógica “ouvintista”, incapaz de reestruturar sua pedagogia. O resultado é a criação de uma sala de aula de duas velocidades: enquanto os alunos ouvintes são estimulados com debates e construções conceituais complexas, o aluno surdo é frequentemente destinado a uma pedagogia do mínimo. Essa dinâmica reflete a distinção fundamental que Paulo Freire (1987) estabelece entre a prática “bancária” e a “problematizadora”:

Enquanto na prática “bancária” da educação, anti-dialógica por essência, por isto, não comunicativa, o educador deposita no educando o conteúdo programático da educação, que ele mesmo elabora ou elaboram para ele, na prática problematizadora, dialógica por excelência, este conteúdo, que jamais é “depositado”, se organiza e se constitui na visão do mundo dos educandos, em que se encontram seus “temas geradores” (FREIRE, 1987, p. 58).

Nesse cenário, a comunicação se torna unilateral e a possibilidade do estudante surdo poder expressar suas dúvidas, visão de mundo e seus temas geradores, aos quais são pilares da educação geográfica, é anulada: tendo como resultado a perpetuação de uma exclusão velada, onde o aluno está fisicamente na sala, mas pedagogicamente isolado, recebendo uma instrução que não o convida a estimular sua visão geográfica.

O GeoLibras, ao longo dos encontros, visou tal treinamento ao colocar os participantes a refletirem, acima de tudo sobre a visão do mundo aos olhos da comunidade surda. Essa preparação vai além do domínio técnico da Libras, mas ensina o futuro geógrafo a adotar uma postura de mediador cultural, que não impõe um conhecimento pronto, mas o constrói a partir da realidade vivida por seus alunos.

No constante às metodologias de ensino, a inclusão de estudantes surdos não deve ser vista apenas como um desafio para o professor, mas como uma oportunidade de transformação para todo o ambiente de ensino-aprendizagem. Este processo não é unilateral, no qual apenas o aluno surdo aprende, já que a presença de uma língua visual espacial na sala de aula convida os alunos ouvintes e o docente a desenvolverem novas formas de percepção, comunicação e empatia. Essa dinâmica ainda torna possível novas formas de análise ambiental, que passa a ser vista não apenas como um cenário, mas como o próprio registro das ações humanas e da história cristalizada no espaço (Santos, 1988).

É óbvio que a aplicação de novas metodologias no ensino de Geografia para estudantes surdos encontra desafios que vão além do domínio da língua, pois é preciso repensar a própria didática, como destacam Lisboa, Lisboa e Silva (2020):

A maneira proposta para que se efetive o aprendizado, aqui compreendida como didática, deve estar comprometida com a busca da qualidade cognitiva dos alunos, bem como deve colaborar para a formação de sujeitos pensantes e críticos, capazes de argumentar e resolucionar problemas que se apresentam no cotidiano (LISBOA; LISBOA; SILVA, 2020, p. 401).

Em relato, Clarice Machado (nome fictício), trás uma perspectiva de continuidade formativa, relatando que sua motivação para trabalhar com inclusão antecede a universidade, mas que o grupo ressignificou sua compreensão:

*“O GeoLibras transformou minha visão de forma completa. Eu comecei pensando no ensino para surdos puramente pela minha formação em licenciatura, mas os debates me mostraram que o ensino é apenas uma parte do panorama. Foi magnífico perceber que a surdez não é só sobre métodos pedagógicos, mas sobre uma cultura, uma língua e uma identidade”.*

Ao se referir à surdez como experiência cultural, Clarice demonstrou compreender que a prática docente não pode ser reduzida ao tecnicismo, mas precisa se abrir ao diálogo e à construção conjunta do conhecimento. A licencianda aponta a importância de conhecer uma cultura “distante e ao mesmo tempo próxima”, de pessoas que vivenciam a cidade e as marca segundo as suas próprias formas de assimilação e interpretação do espaço urbano.

Cabe aos estudantes em formação instigarem a estrutura curricular da universidade que, embora respaldada por fortes embasamentos teóricos e especializados, raramente oferece os caminhos para a capacitação especializada, fazendo com os profissionais interessados recorram às outras instituições. O surgimento do GeoLibras é o sintoma desse cenário, já que a iniciativa não partiu de uma política institucional de aprimoramento curricular, mas da ação de uma equipe que, ao observar as limitações da graduação, sentiu a necessidade de criar o espaço formativo. Isso revela uma falta de atenção à formação inclusiva, que passa a depender de iniciativas voluntárias e pontuais para remediar uma lacuna que é, em sua essência, estrutural.

Portanto, a experiência do GeoLibras, onde licenciandos ouvintes se colocaram na posição de aprendizes da cultura e da língua surda, funciona como um microcosmo desse processo. Para o futuro professor de Geografia, essa

vivência é fundamental para que ele entenda seu papel não apenas como um transmissor de conteúdo, mas como um mediador de uma ecologia de saberes, onde a interação e o respeito à diversidade são os verdadeiros catalisadores do conhecimento geográfico para todos, independente das barreiras linguísticas.

A análise dos relatos e das práticas desenvolvidas no GeoLibras, portanto, não apenas valida o grupo como um espaço formativo relevante, mas também expõe as complexas relações entre currículo, prática docente e inclusão. As percepções e transformações observadas nos participantes fornecem a base para as conclusões gerais do estudo, que serão detalhadas na próxima seção.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao analisar a experiência do GeoLibras, a pesquisa confirma que espaços de estudo como este são instâncias essenciais e estratégicas para enfrentar as limitações de um modelo formativo ainda marcado por lacunas. A resposta ao problema investigado é que o grupo funciona como um catalisador da formação crítica, articulando teoria e prática de uma maneira que a estrutura curricular formal, isoladamente, não contempla. A relevância deste trabalho reside, portanto, em demonstrar, a partir de um caso concreto, a urgência de repensar a formação docente, evidenciando que a responsabilidade pela capacitação inclusiva não pode depender de iniciativas voluntárias que suprem carências estruturais.

Este estudo, contudo, possui limitações. Por se apoiar em uma análise qualitativa de um grupo em contexto específico, não permite generalizações estatísticas. Ademais, o recorte temporal da pesquisa focou nas percepções dos estudantes em formação, não acompanhando a aplicação das práticas em sala de aula real. Tais limitações, no entanto, abrem caminhos para futuras pesquisas. Sugere-se a realização de estudos longitudinais que acompanhem os egressos do GeoLibras em sua atuação profissional, a fim de avaliar o impacto a longo prazo da experiência. Como avanço metodológico, propõe-se a condução de pesquisas-ação que envolvam diretamente professores e alunos surdos na construção colaborativa de materiais didáticos em Geografia.

O GeoLibras, embora se apresente como uma experiência exitosa, também denuncia a persistência de uma falha institucional que precisa ser enfrentada. Cabe à universidade assumir um papel mais incisivo, estimulando a criação de espaços

semelhantes e integrando o debate sobre diversidade em seus currículos. Conclui-se, por fim, que a formação do professor de Geografia para a inclusão não se limita ao domínio linguístico, mas exige a construção de uma postura ética, política e epistemológica que valorize a diversidade como potência para a produção de um conhecimento geográfico mais justo, plural e verdadeiramente universal. Espera-se que este estudo contribua para ampliar o debate, inspirando novas práticas e investigações sobre o papel das instituições na construção de políticas formativas que garantam, de fato, o direito à educação para todos.

Cabe à universidade assumir um papel mais incisivo, estimulando a criação de espaços semelhantes e integrando de forma transversal o debate sobre diversidade em seus currículos. Este estudo, por se apoiar em uma análise qualitativa de um grupo de estudos em contexto específico, não permite generalizações de caráter estatístico.

Conclui-se que a formação do professor de Geografia para a inclusão não se limita ao domínio linguístico, mas exige a construção de uma postura ética, política e epistemológica capaz de reconhecer e valorizar a diversidade como potência para a produção de um conhecimento geográfico mais justo, plural e verdadeiramente universal.

Assim, espera-se que este estudo contribua para ampliar o debate sobre a formação inclusiva no ensino superior, especialmente no campo da Geografia, inspirando novas práticas pedagógicas e investigações acadêmicas. Ao reconhecer as potencialidades de iniciativas como o GeoLibras, não se trata apenas de valorizar experiências bem-sucedidas, mas de provocar uma reflexão mais ampla sobre o papel das instituições de ensino na construção de políticas formativas que garantam, de fato, o direito à educação para todos.

## 5. REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- BRANDÃO, R. A. de A.; ALMEIDA, W. G. **Surdez, língua e cultura: a LIBRAS protagonizando a(s) identidade(s) cultural(ais) do surdo**. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 15., 2019, Salvador. Anais [...]. Salvador, 2019.

CAVALCANTE, M. S. P.; MAIA, M. G. B. **A importância dos grupos de estudos e de pesquisas para a formação docente dos estudantes de pedagogia.** In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CONEDU), 6., 2019, Fortaleza. Anais [...]. Campina Grande: Realize Editora, 2019. p. 1-12.

DIAS, P. dos S. et al. **A abordagem da cultura na geografia e a comunidade surda: uma aproximação temática.** RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, v. 7, n. 2, art. 2003, mai.-ago. 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LISBOA, B. L. C.; LISBOA, G. L. P.; SILVA, G. R. da. **Possibilidades didáticas no ensino de geografia para estudantes surdos.** Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v. 10, n. 20, p. 399-410, jul./dez., 2020.

LODI, A. C. **A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência.** Cadernos CEDES, Campinas, v. 33, n. 90, p. 115-131, 2013.

NETO, P. M. dos S.; BUENO, M. A. **Cartografia escolar e inclusiva para alunos surdos: uma proposta metodológica em movimento.** Anekumene, n. 15, p. 60-67, 2018.

PEREIRA, M. de A.; LACERDA, C. B. F. de. **Formação de professores para inclusão de surdos: legislação e políticas atuais.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 46, e220261, 2020.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado:** fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

## **SOBRE OS AUTORES**

**Autor 1.** Graduando em Licenciatura em Geografia pela UFC. Integrante do grupo de estudos GeoLibras, do Laboratório de Estudos Geoeducacionais e Espaços Simbólicos (LEGES), com interesse nas áreas de Geografia Cultural e Formação Docente Inclusiva. Ex bolsista do PIBID Geografia UFC.

**Autor 2.** Graduado em Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal do Ceará. Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Ceará. Integra o

Observatório de Paisagens Patrimoniais e Artes Latino Americanas (OPPALA).

Coordena o grupo de estudos GeoLibras.

**PARA CITAR ESTE ARTIGO:**

SILVA, J. M. M. da; PEREIRA, E. da C. Contribuições do grupo de estudos GeoLibras para a formação docente inclusiva. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, [S. l.], v. 6, n. 1, 2025. DOI: 10.18227/2675-3294repi.v6i1.8823. Disponível em: <https://revista.ufrr.br/repi/article/view/8823>.

**Submetido em:** 30/09/2025

**Revisões requeridas em:** 15/10/2025

**Aprovado em:** 30/10/2025